

A LINGUAGEM CRÍTICA E REALISTA DE GRACILIANO RAMOS: UM ENSAIO ANALÍTICO DO DISCURSO LITERÁRIO PRESENTE EM “VIDAS SECAS”

Moyana Mariano Robles-Lessa (UENF)

moyanarobles@hotmail.com

Alinne Arquette Leite Novais (UENF)

alinnearquette@gmail.com.br

Carlos José de Castro Costa (UNIG)

carlosjcastrocosta@gmail.com

Karla de Mello Silva (UNIG)

karlamello97@gmail.com

Carlos Henrique Medeiros de Souza (UENF)

chmsouza@gmail.com

RESUMO

Graciliano Ramos, em suas obras, apresenta ao leitor uma linguagem realista do mundo que o cerca, não poetizando a dor e a luta de um povo sofrido que busca incansavelmente sobreviver. Sua narrativa é seca e crítica. Deste modo, surgiu o interesse em analisar se tal escrita poderia estar contida nas escritas de si, ou se sua composição se aproximaria mais do gênero narrativo ficcional, tendo em vista que o mundo contemporâneo, declaradamente, tem preferência pela exposição social. Nesse sentido, tendo como objeto de análise a obra “Vidas secas”, busca-se respostas a respeito do quanto as memórias do autor influenciaram a criação da obra em tela, e se tal influência poderia ser classificada como autobiografia ou autoficção. O problema do artigo é: “Como identificar a presença das memórias de Graciliano Ramos no discurso literário presente em ‘Vidas secas’, reconhecendo as escritas de si como autobiografia ou autoficção?” O objetivo é analisar a obra e revisitar as memórias vividas pelo autor, observando a inter-relação entre a linguagem textual e os episódios vivenciados pelo autor em sua juventude, identificando traços de uma autobiografia ou de uma autoficção. Vale-se de metodologia qualitativa mediante pesquisa bibliográfica da obra de Graciliano Ramos, bem como de autores que estudam os vieses da Literatura e da Filosofia nas escritas de si, no espaço biográfico, do pacto autobiográfico, entre outros. E, também, de pesquisadores dos gêneros narrativos e das obras de Graciliano Ramos, assim como pesquisa em artigos e publicações disponíveis na internet.

Palavras-chave:

Autobiografia. Autoficção. Linguagem.

ABSTRACT

Graciliano Ramos, in his works, presents to the reader a realistic language of the world that surrounds him, not poetizing the pain and struggle of a suffering people who seek tirelessly to survive. His narrative is dry and critical. Thus, there was an interest in analyzing whether such writing could be contained in the writings of itself, or

whether its composition would approach the fictional narrative genre more closely, considering that the contemporary world reportedly has a preference for social exposure. In this sense, having as object of analysis the work “Dry Lives”, we seek answers as to how much the author’s memories influenced the creation of the work on screen, and whether such influence could be classified as autobiography or self-fiction. The problem of the article is: “How to identify the presence of Graciliano Ramos’ memoirs in the literary discourse present in ‘Dry Lives’, recognizing the writings of themselves as autobiography or self-fiction?” The objective is to analyze the work and revisit the memories lived by the author, observing the interrelationship between textual language and the episodes experienced by the author in his youth, identifying traces of an autobiography or a self-fiction. It is used as a qualitative methodology through bibliographical research of the work of Graciliano Ramos, as well as authors who study the viese of Literature and Philosophy in the writings of themselves, in the biographical space, of the autobiographical pact, among others. And also, researchers of the narrative genres and works of Graciliano Ramos, as well as research in articles and publications available on the Internet.

Keywords:

Autobiography. Language. Self-fiction.

1. Introdução

A linguagem de Graciliano Ramos em suas obras literárias é marcada por um pensamento crítico, realista e muitas vezes classificados pelos críticos como uma narrativa seca. Diante de tal apontamento, surgiu o interesse em analisar se tal escrita poderia estar contida nas escritas de si, ou se sua composição se aproximaria mais do gênero narrativo ficcional.

Levando em consideração que a contemporaneidade tem a tendência e a preferência pela exposição social do que deveria, pelo menos em tese, figurar no mundo particular, questiona-se se tal exposição das escritas de si estariam se materializando na literatura como narrativas do eu, autoficções, autobiografias, entre outras, que apesar de muitas vezes serem classificadas como se sinônimos fosse, na verdade não o são.

Dito isso e, voltando à obra analisada de Graciliano Ramos nesse ensaio, têm-se indagações a respeito do quanto às memórias do autor influenciaram na construção de “Vidas secas” e, caso confirmado se poderia ser caracterizada como uma autobiografia ou uma autoficção, levando em consideração as fronteiras entre realidade e ficção.

O problema do presente ensaio é: como identificar a presença das memórias de Graciliano Ramos no discurso literário presente em “Vidas secas”, reconhecendo as escritas de si como autobiografia ou autoficção?

Metodologia utilizada foi a qualitativa, mediante pesquisa biblio-

gráfica da obra de Graciliano Ramos, bem como de autores que estudam os vieses da Literatura e da Filosofia nas escritas de si, no espaço biográfico, do pacto autobiográfico, entre outros. E, também, de pesquisadores dos gêneros narrativos e das obras de Graciliano Ramos, assim como pesquisa em artigos e publicações disponíveis na *internet*.

2. As obras literárias de Graciliano Ramos e a inter-relação com suas memórias

A contemporaneidade desperta um novo interesse pelo compartilhamento expositivo, no qual o que antes era somente de domínio íntimo, relatado em diários pessoais, por exemplo, agora ganha uma nova configuração, tornando público – e de grande interesse comunitário, o que era endereçado apenas ao conhecimento particular. Leonor Arfuch (2010, p. 36) apresenta que “essa construção narrativa do privado como esfera da intimidade (...) foi muito além de sua configuração primogênita”. A autora ainda aponta:

O avanço irrefreável da midiaticização ofereceu um cenário privilegiado para a afirmação dessa tendência, contribuindo para uma complexa trama de intersubjetividades, em que a suposição do privado sobre o público, do *gossip* – e mais recentemente do *reality show* – à política, excede todo limite de visibilidade. (ARFUCH, 2010, p. 37)

Eliseu Ferreira da Silva, em seu artigo “Graciliano Ramos: o escritor e o homem”, cita uma crítica feita por Álvaro Lins, em 1943, ao autor alagoano:

[...] logo os seus romances nos tentam confundir, em análises convergentes, a sua figura de escritor e a sua figura de homem. Existem homens que explicam as suas obras, como há obras que explicam os seus autores. No caso do Sr. Graciliano Ramos, é a obra que explica o homem. Quero dizer: o homem interior, o homem psicológico. (SILVA, 2010, p. 140-1)

Graciliano Ramos tem como característica literária o diálogo denunciativo dos problemas e injustiças sociais vivenciados por ele e materializados em seus romances. Ferreira (2016) cita a análise feita por Patto (2012) a respeito da escrita literária de Graciliano:

[...] conheceu por dentro a barbárie das relações sociais e “metamorfoseou em literatura” a experiência da injustiça e a revolta contra ele. Publicado em 1938, *Vidas secas* faz parte do projeto literário da “geração de 30”, de se valer da arte para mostrar uma sociedade vincada de espoliação e opressão. Valendo-se da linguagem oral e regional, Graciliano fala da decepção política que sobreveio nas décadas de 1930-1940 e não vê com naturalidade entre o homem e o meio”, mas, em cada personagem, “a face

angulosa da opressão e da dor. (PATTO, 2012, p. 225)

Há uma inter-relação entre as memórias de Graciliano e suas obras literárias. “As obras de Graciliano denotam as experiências vivenciadas por ele, que parecem transferidas para seus romances” (FERREIRA, 2016).

Um depoimento do próprio Graciliano Ramos na orelha do romance brasileiro “Vidas secas”, comprova que a obra em tela apresenta suas memórias impressas na história narrada. Tornando público o que a princípio era íntimo e pessoal:

Meu pai, Sebastião Ramos, negociante miúdo, casado com a filha de um criador de gado, ouviu os conselhos de minha avó, comprou uma fazenda em Buíque, em Pernambuco, e levou para lá os filhos, a mulher e os cacarecos. Ali a seca matou o gado – e seu Sebastião abriu uma loja na vila. Da fazenda conservo a lembrança de Amaro Vaqueiro e de José Baía. (RAMOS, 2019, [Orelha do livro])

Destarte, a narrativa de Graciliano Ramos vai além da indignação social e opressiva, nela está contida sua experiência pessoal, sua memória e biografia. Ferreira traz a análise feita por Nogueira Junior:

Graciliano Ramos, nascido em 1892 [...] viveu sob o regime das secas e das surras que lhe eram aplicadas por seu pai, o que o fez alimentar, desde cedo, a ideia de que todas as relações humanas são regidas pela violência. Em seu livro autobiográfico “Infância”, assim se referia a seus pais: “Um homem sério, de testa larga [...], dentes fortes, queixo rijo, fala tremenda; uma senhora enfezada, agressiva, ranzinza [...], olhos maus que em momentos de cólera se inflamavam com um brilho de loucura. (NOGUEIRA JUNIOR *apud* FERREIRA, 2016)

Para Leonor Arfuch (2010, p. 83), “além de essencial para afirmação do sujeito moderno, o surgimento do espaço biográfico o foi também, como assinalamos, para traçar o limiar incerto entre o público e o privado”, apresentando como consequência “a nascente articulação entre o individual e o social. É essa relação, que leva do uno ao múltiplo, do *eu* ao *nós*, imprescindível numa indagação sobre a construção do campo da subjetividade” (ARFUCH, 2010, p. 83).

Em entrevista, Analice de Oliveira Martins aponta as especificidades do uso da memória na literatura: “A memória é tanto história quanto fabulação, verdade e ficção. A memória não é só o registro do que aconteceu. É matéria para a fabulação” (ARAÚJO *et al.*, 2018, p.4). E ainda complementa “quando se quer o mais fidedigna possível, é um relato reconstruído, um modo de dizer organizado a partir de um determinado ponto de vista” (ARAÚJO *et al.*, 2018, p. 4). E, finaliza afirmando:

Logo, a memória não é apenas fonte de investigação para a história ou sua guardiã, é sobretudo fonte inesgotável para a literatura. Em outras palavras: ao ser organizada em relatos e versões, priva da mesma condição de verossimilhança atribuída à literatura. Em nenhuma dimensão, a memória construída pela literatura seria uma narrativa menor, porque lacunar e fronteira com a imaginação. (ARAÚJO *et al.*, 2018, p. 4)

O olhar do escritor alagoano para o mundo “além de guardar, ficcionalizar e utilizar os eventos que lhe sucederam na vida, (...) possui um viés político, que percebe e se indigna com aquilo que vê” (GALANTE, 2016, p. 72). A autora complementa que “muitas vezes expressa as injustiças que presencia em suas obras de forma irônica e amarga” (GALANTE, 2016, p. 72). E na visão de Analice Martins é a “crítica literária contemporânea que dá relevo ao atravessamento das fronteiras entre história e ficção e às práticas autoficcionais” (ARAÚJO *et al.*, 2018, p. 4).

3. *As vivências de Graciliano Ramos presentes em “Vidas secas”: autobiografia ou autoficção?*

Silva (2017), relata sobre a dificuldade que as escritas de si apresentam por possuírem um campo teórico abrangente e, nem sempre determinado de modo claro e evidente, fazendo com que inúmeros termos conceituais sejam utilizados como sinônimos, estando entre eles as expressões (auto)biografias e autoficções, entre outros: “Profusão de nomes que atesta de antemão a dificuldade em delinear como também em delimitar um campo tão heterogêneo. E se aplica igualmente à própria tentativa de esclarecer seu processo de constituição” (SILVA, 2017, p. 159).

A autora cita Michel Foucault, informando que, para o filósofo, “a escrita de si insere-se em uma prática e em uma atitude de cuidado consigo mesmo, ou seja, consiste em um artifício pessoal de autoexame dos pensamentos e atos cotidianos” (SILVA, 2017, p. 160). Chegando à conclusão de que a estrutura principal das escritas de si “encontra-se no exercício do homem em constituir-se enquanto ‘mestre de si’, tomando-se como objeto de conhecimento e alvo de transformações, mas sem atribuir um valor absoluto ao indivíduo” (SILVA, 2017, p. 160).

Philippe Lejeune (2014) apresenta que ao tratar do autor, “a autobiografia elucida fenômenos que a ficção deixa numa zona de indecisão” (LEJEUNE, 2014, p. 19). Ele explica:

Em particular o fato de que pode muito bem haver identidade do narrador e do personagem principal no caso da narrativa “em terceira pessoa”. Essa identidade, embora não seja mais estabelecida no texto pelo emprego do

“eu”, é estabelecida indiretamente, mas sem nenhuma ambiguidade, através da dupla equação: autor = narrador e autor = personagem, donde se deduz que narrador = personagem, mesmo se o narrador permanecer implícito. Este procedimento corresponde, ao pé da letra, ao sentido primeiro da palavra autobiografia: é uma biografia, escrita pelo interessado, mas escrita como uma simples biografia. (LEJEUNE, 2014, p. 19)

Ao discorrer sobre vocabulário, Lejeune, em seu livro “O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet”, traz a definição de autobiografia dada por Vapereau: “autobiografia (...) obra literária, romance, poema, tratado filosófico etc., cujo autor teve a intenção, secreta ou confessa, de contar sua vida, de expor seus pensamentos ou de expressar seus sentimentos” (LEJEUNE, 2014, p. 62).

Ainda sobre o significado de autobiografia, o autor explica:

[...] foi importada da Inglaterra no início do século 19 e empregada em dois sentidos próximos, mas mesmo assim diferentes. O primeiro sentido (o que escolhi) foi proposto por Larousse, em 1886: “Vida de um indivíduo escrita por ele próprio”. Larousse contrapõe a autobiografia, que é uma espécie de confissão, às Memórias, que contam fatos que podem ser alheios ao narrador. Mas, num sentido mais amplo, “autobiografia” pode designar também qualquer texto em que o autor *parece* expressar sua vida ou seus sentimentos, quaisquer que sejam a forma do texto e o contrato proposto por ele. (LEJEUNE, 2014, p. 62)

Lejeune (2014), no capítulo intitulado “Autobiografia e ficção”, transcreve parte de uma carta que recebeu, apresentando como característica “ficcionalizante” a argumentação de uma escrita autobiográfica “sonhada”, que de acordo com o autor da carta é “mais exata, mais verdadeira psicologicamente. (...) certos escritores só conseguem escrever autobiografias transfiguradas, mais “verdadeiras” que o modelo” (LEJEUNE, 2014, p. 122). Concluindo:

[...] Penso também que tal autobiografia, apresentada sob forma de “romance”, toca mais profundamente os leitores na medida em que é ‘essencial’, alheia às contingências anedóticas particulares da vida do autor. Esse aspecto “essencial” permite aos leitores pensarem, por sua vez, em sua própria história, não mais limitada a sua individualidade, a seu conteúdo anedótico, mas em sua “essencialidade”. (LEJEUNE, 2014, p. 122-3)

O conteúdo da carta endereçada a Lejeune, provocou-lhe inquietações a respeito da inter-relação ente autobiografia e ficção: “Por que seria, interessante ou necessário que uma ficção expressasse o eu profundo do autor? Essa afirmação não seria uma espécie de ilusão de recepção, cujo mecanismo é bem ilustrado pela atitude de meu correspondente?” (LEJEUNE, 2014, p. 123-4). Diante de tais questionamentos, o autor

concluiu que “o intenso parece ‘verdadeiro’, e o verdadeiro só pode ser autobiográfico” (LEJEUNE, 2014, p. 124).

Por outro lado, para Ana Cláudia de Oliveira da Silva (2017), a autoficção não é apenas sinônimo de relatar o desenrolar dos fatos, “mas antes deformá-los, reformá-los por meio de artificios” (SILVA, 2017, p. 170). A autora pressupõe que a autoficção possui “maior liberdade de criação, pois, aliado aos espaços em branco, o narrador pode escolher um determinado recorte ou recortes”. (SILVA, 2017, p. 170). Demonstrando, portanto, “que a noção de unidade do sujeito legada pelo individualismo, assim como a própria realidade, não passa de construções arbitrárias” (SILVA, 2017, p. 170). E a autora termina seu posicionamento afirmando que “pode-se compreender a autoficção como uma forma de escrita estreitamente relacionada à crise do projeto moderno e à denúncia de suas ilusões, dentre as quais se destacam a virtude da individualidade e da sinceridade” (SILVA, 2017, p. 170).

Para a autora, a autoficção não deve ser compreendida apenas como “uma variante pós-moderna da autobiografia” (SILVA, 2017, p. 173). Mas, sim como uma escrita problematizadora desse gênero narrativo, colocando “em evidência um sujeito constitutivamente incompleto, bem como uma série de questionamentos e dúvidas que permeiam a sua existência, principalmente desde a segunda metade do século XX” (SILVA, 2017, p. 173).

Ao observar as afirmações tanto de Lejeune (2014), quanto de Silva (2017), há que se registrar que ambos defendem a fidedignidade como característica tanto da autobiografia, quanto da autoficção.

Tendo tal definição como ponto de partida, Graciliano Ramos escreveu à sua irmã, suas impressões sobre o texto por ela escrito, no qual lhe deu a seguinte orientação:

As nossas personagens são pedaços de nós mesmos, só podemos expor o que somos. [...] apresente-se como é, nua, sem ocultar nada. Arte é isso. A técnica é necessária, é claro. Mas se lhe faltar à técnica seja ao menos sincera. Diga o que é, mostre o que é. [...] Revele-se toda. A sua personagem deve ser você mesma. (RAMOS, 1982)

Silva (2010, p. 142) apresenta que “para Graciliano, escrever não é qualquer coisa, é colocar a vida no papel, é trabalho e tem que ser sincero. Não basta ter só a técnica, esta sem a sinceridade não é nada”. O autor ainda complementa que o autor alagoano “tevé uma vida agitada, passou por experiências que o marcaram profundamente, como a prisão

por perseguição política e, para muitos, ele era considerado um homem amargo, pessimista, franco, quase rude” (SILVA, 2010, p. 142).

Galante (2016) expõe que o ponto de vista de Graciliano Ramos confunde-se naturalmente com a do protagonista de suas narrativas: “Mesmo quando estes se tratam de ficção e não de prosa memorialista, a personagem principal carrega as características do próprio Graciliano Ramos assim como suas análises sobre a condição do homem no Brasil agrário” (GALANTE, 2016, p. 72).

De acordo com Galante (2016), há uma autodepreciação recorrente nas personagens centrais das obras do autor alagoano, “como é possível perceber em *Vidas Secas* (1938), quando Fabiano reflete, por meio do narrador onisciente, que é um homem para, no instante seguinte, reconhecer que é um bicho” (GALANTE, 2016, p. 74). A autora ainda afirma que tal característica presente nas obras de Graciliano Ramos “pode levar a compreender que as personagens principais de Graciliano Ramos possam ter algo de autobiográfico e, por meio delas, o autor reflete sobre o ser humano, suas fraquezas, ao seu não amoldamento no mundo em que vive” (GALANTE, 2016, p. 75).

Galante traz em seu artigo “Olhares políticos e sociais: Graciliano Ramos e a literatura de 1930”, um trecho da *Coleção Fortuna Crítica*, de Brayner (1978), sobre Graciliano Ramos, no qual o autor deixa claro que para ele “o ato de escrever é algo necessário, seja para uma compreensão de si, seja para a compreensão do mundo que percebe” (GALANTE, 2016, p. 75). Na referida *Coleção Fortuna Crítica* (1978), Graciliano responde:

- Poderia, hoje, deixar de escrever?
- Quem me dera poder deixar...
- Sua obra de ficção é autobiográfica?
- Não se lembra do que lhe disse a respeito do delírio do hospital? Nunca pude sair de mim mesmo. Só posso escrever o que sou. E se as personagens se comportam de modos diferentes, é porque não sou um só. Em determinadas condições, procederia como esta ou aquela das minhas personagens. Se fosse analfabeto, por exemplo, seria tal qual Fabiano...

Graciliano afirma, portanto, que “seus protagonistas são um reflexo de si. (...) se analfabeto fosse, seria como Fabiano” (GALANTE, 2016, p. 75).

Fabiano Mendes (2018), informa que o período marcado pelo aparecimento de “*Vidas secas*”, se deu após a saída de Graciliano da prisão. Mendes, ainda apresenta um trecho escrito por Rubem Braga – amigo e

vizinho de pensão de Graciliano, no qual o escritor relata:

Eu conheço o quarto onde Graciliano escreveu o romance *Vidas secas*, e sei mais ou menos a situação em que ele escreveu. Essa situação determinou a própria estrutura do romance. Tem, portanto, a sua importância para o público. [...] Quase tão pobre como o Fabiano, o autor fez assim uma nova técnica de romance no Brasil. O romance desmontável. (MENDES, 2018, p. 191)

Rubem Braga afirma nessa passagem que, assim como Fabiano – personagem principal do romance “*Vidas secas*”, que vive em condições indignas, sentindo-se pequeno diante das imposições da vida, assim também, sentia-se Graciliano Ramos ao produzir a obra em tela. Mendes, ainda aponta que “o lugar Graciliano Ramos é esse: um ponto entre o eu e o nós, o indivíduo e a sociedade, mas, sobretudo, entre a imaginação e a realidade, ou, noutras palavras, entre a ficção e a materialidade” (MENDES, 2018, p. 197). E, a respeito da literatura graciliana, Mendes registra que “sua literatura forçou um tipo de crítica também confessional (ou testemunhal), cujo lugar da escrita aparecia mostrando sua ossatura. Sua literatura e suas críticas ajudaram a ver na crítica uma ação social” (MENDES, 2018, p. 197).

Desta forma, como pode ser classificada a escrita de Graciliano Ramos em “*Vidas secas*”? Autobiografia? Autoficção? Como solução provisória, tem-se o posicionamento de Benevenuti *et al.* (2016), “as discussões e estudos sobre os conceitos de ‘autoficção’ e ‘autobiografia’ ainda não são suficientes para responder a tantos questionamentos, pois os temas ainda geram muitos debates e discussões entre os estudiosos da área” (BENEVENUTI *et al.*, 2016, p. 6).

4. Conclusão

Após as análises abordadas no presente ensaio, a respeito do discurso literário de Graciliano Ramos em “*Vidas secas*”, percebe-se que apesar do autor não está materializado no protagonista da obra em tela, muito ele deixou de si nos pensamentos de Fabiano. O protagonista de “*Vidas secas*” não é Graciliano, mas sente como Graciliano, sofre como o autor.

Conforme exposto por Rubem Braga, Graciliano Ramos figura entre o singular e o plural, ele transcreve em suas obras o pessoal e o social, confundindo-as, deixando muito de si em cada protagonista. Graciliano une em harmonia a ficção e a memória, causando um obstáculo na

definição entre autobiografia ou autoficção.

Contudo, não se pode negar, após inúmeros depoimentos neste ensaio que, Graciliano Ramos escrevia o que era, o que sentia. Suas obras literárias possuem sua impressão pessoal e sentimental, de acordo com as diversas fases de sua vida. E, enquanto os debates sobre a definição de autobiografia e autoficção não se materializam, Graciliano Ramos apresenta-nos suas memórias em forma de romance brasileiro, ora como realidade, ora como ficção.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Everaldo Lima de; SILVA, Jefferson Evaristo do Nascimento; LENHARDT, Jordana; FELIPE, Márcia da Gama Silva. Patrimônio cultural e memória literária: uma experiência brasileira sobre pertencimento e geografia com analice martins. *Palimpsesto*, v. 17, n. 27, p. 02 – 07, 2018. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/palimpsesto/article/view/38395>. Acesso em: 19 jun. 2021.

ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico*: dilemas da subjetividade contemporânea. Trad. de Paloma Vidal. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010. 370p.

BENEVENUTI, Clesiane Bindaco; NICOLINI, Patrícia Peres Ferreira; MARTINS, Analice de Oliveira. “Autobiografia” ou “Autoficção”: as possibilidades de representação do eu no universo fílmico contemporâneo. In: XIII EVIDOSOL e X CILTEC-Online. junho/2016. Disponível em: <http://evidosol.textolivre.org>. Acesso em: 20 jun. 2020.

FERREIRA, Maria Suely. A realidade social e a linguagem no romance *Vidas Secas*. *Sabedoria Política*. 2016. Disponível em: <https://www.sabedoriapolitica.com.br/products/a-realidade-social-e-a-linguagem-no-romance-vidas-secas/>. Acesso em: 20 jun. 2021.

LEJEUNE, Philippe. O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet. 2 ed. In: NORONHA, J.M.G. (Org.). Trad. de Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. 2. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2014.

GALANTE, Camylla. Olhares políticos e sociais: graciliano ramos e a literatura de 1930. *Ces Revista*, v. 30, n. 2. p. 69-80, Juiz de Fora, ago./dez.2016. Disponível em: <https://seer.cesjf.br/index.php/cesRevista/article/view/929/pdf>. Acesso em: 20 jun. 2021

MENDES, Fabiano. Crítica... Graciliano Ramos... Crítica...: seus romances, os críticos, suas críticas numa ciranda. *Teresa, Portal de Revistas da USP*, n. 18, p. 181-197, 2018. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/teresa/article/view/127361>. Acesso em: 19 jun. 2021.

RAMOS, Graciliano. *Cartas*. Rio de Janeiro: Record, 1982.

_____. *Vidas secas*. Rio de Janeiro: Record, 2019.

SILVA, Ana Cláudia de Oliveira da. As escritas de si e a emergência da autoficção: um campo de indefinições. *Literatura e Autoritarismo*. Santa Maria, Dossiê n. 20: Resignificando histórias, p. 158-74, jul. 2017.

SILVA, Eliseu Ferreira da. Graciliano Ramos: o escritor e o homem. *Revista Graduando*, n. 1, p. 139-152, jul/dez 2010. Disponível em: <http://www2.uefs.br/dla/graduando/n1/n1.139-155.pdf>. Acesso em: 19 jun. 2021.